

RESTAURANTE CHAPÉU DE PALHA

CERETO, MARCOS P. (1); ESPINOSA, VASILKA N. (2)

1. Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Tecnologia.
mcereto@hotmail.com
2. Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Tecnologia.
vasilka.espinosa@gmail.com

RESUMO

O artigo é obra do projeto de Iniciação Científica desenvolvido junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Tecnologia na Universidade Federal do Amazonas, que investiga as relações entre a arquitetura moderna na Amazônia e a obra de Severiano Porto. A obra da qual se trata o artigo, é o saudoso Restaurante Chapéu de Palha, projeto de 1967 e inaugurado no dia 24 de fevereiro de 1968, em Manaus. Este restaurante transformou-se em atração turística pela inovação na utilização dos materiais e das tecnologias construtivas. É possível afirmar que a obra contribuiu com a permanência de Severiano Porto na cidade, por permitir outras demandas. No ensaio, retrata a metodologia utilizada para o redesenho e a modelagem do projeto, além do uso da ferramenta de entrevista com José Braga, um dos donos do restaurante, e o uso da hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital Brasil. Buscando dessa forma a ampliação de informação existente sobre essa importante obra da arquitetura moderna na Amazônia.

Palavras-chave: Severiano Porto; Arquitetura Moderna; Redesenho.

História

Severiano Mario Porto nasce no dia 19 de fevereiro em 1930, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, e aos cinco anos de idade transfere-se com a família para o Rio de Janeiro. Em 1954, conclui o curso de arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) na Universidade do Brasil, atual UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Viaja à Manaus em 1963 à convite de seu amigo Arthur Reis, o então governador do Amazonas, para realizar a reforma do Palácio Rio Negro e projetar a Assembleia Legislativa do Estado. Dois anos mais tarde, 1965, é chamado novamente para a construção do estádio de futebol Vivaldo Lima e muda-se para Manaus.

Desde a queda do ciclo da borracha no final da década de 20 e perdurando até a de 50, Manaus vivia em decadência econômica, de certo modo, estava limitada para acompanhar o desenvolvimento artístico-cultural de vanguarda do Brasil. A produção da borracha continua, porém não chegava a exportar e, conseqüentemente, o faturamento não era tão exacerbado quanto fora em seu auge. Em 1957, a economia da cidade passa a ser estimulada novamente a partir da criação da SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus) e a criação da zona de isenção de impostos. O Distrito Industrial gera cerca de 120.000 novos empregos, conseqüentemente a população de Manaus chega a triplicar nos primeiros dez anos e o perímetro urbano a duplicar. A cidade passa a ser um ponto de atração para os mais diversos comerciantes do país. Com todo esse crescimento econômico e progresso, que não ocorria no restante do Brasil, julga ser necessário uma série de novas obras públicas, estabelecendo-se oportunidades para a fixação do arquiteto Severiano Porto na cidade.

Em 1965, Arthur Reis contratou um escritório do Rio de Janeiro de Luís Antony Pereira, para ajudar na infra estruturação do estado a partir da criação do novo Plano Diretor de Manaus. O primeiro Plano Diretor, datado da época em que o governador era Eduardo Ribeiro, onde além do traçado urbano, também era estabelecido onde deveriam ser implantados e construídos edifícios públicos. O segundo plano seguiu uma lógica diferente do primeiro, porém mais semelhante aos atuais. Demonstrando ser um plano de setorização, zoneamento urbanos e a área de expansão da cidade. Mas ele também estabelece uma série de projetos voltados ao polo turístico da cidade, um deles seria um restaurante regional. Entretanto, José Braga, um dos sócios do Chapéu de Palha, afirma que seja possível que sua obra tenha sido

aprovada com maior facilidade devido esse tópico no Plano Diretor vigente na época, mas que a localização do restaurante não estava alinhada à tal proposta.

A possibilidade da criação do restaurante Chapéu de Palha surge a partir da proximidade de Severiano com o governador, pois dois funcionários de sua gestão, José Braga e Cláudio Figliolo, respectivamente, um secretário e outro administrador, acompanhavam de perto as realizações do arquiteto e de um devaneio surgiu a ideia de criarem um restaurante.

Apesar de nenhum conhecimento e ligação com o comércio ou negócios, a dupla de sócios leva adiante sua ideia. Em entrevista, José Braga afirma não precisar se quer de pesquisa técnica na época, pois era nítido o crescimento do fluxo turístico para Manaus devido a implantação da Zona Franca e a escassez de restaurantes. Os sócios já haviam escolhido a temática do restaurante, que seria regional, algo que marcasse a cidade.

Ao se encontrarem com Severiano em seu escritório e apresentarem o seu programa de necessidade, o arquiteto imediatamente iniciou os croquis e nomeou o projeto de Chapéu de Palha. Com esse croqui, José Braga e Cláudio Figliolo foram ao Banco do Acre apresentarem sua proposta de negócio ao gerente. O gerente ao deparar com a proposta se quer solicitou o avalista para a dupla, pois em sua opinião o restaurante seria um sucesso. Assim foi financiado todo o custo da obra.

A partir de então o croqui tomou forma, Severiano junto com seus clientes procuram terrenos em bairros que poderiam receber o restaurante. Muitos bairros nascentes foram percorridos e não escolhidos devido à falta de serviços básicos e de sua distância. Até que encontraram no bairro Vieiralves um terreno a ser arrendado pelos proprietários.

O projeto passa a ser desenvolvido, com formato inovador para a região, o restaurante havia sido concebido para uma rápida execução, um baixo custo e o uso de materiais locais, os quais eram de fácil emprego e com abundante mão de obra. Foram utilizadas peças de aquariquara dimensionadas, largamente utilizadas para os postes públicos, e a palha de palmeira.

O Chapéu de Palha foi inaugurado no dia 24 de fevereiro de 1968. Transformou-se em atração turística na cidade de Manaus pela inovação na utilização dos materiais e das tecnologias construtivas. Outro fator atrativo foram os programas culturais e gastronômicos que o restaurante realizava, além do cardápio regional, periodicamente eram feitas noites temáticas,

como “Portugal minha terra” e outros. O restaurante também realizava confraternizações e aniversário.

“E ali a gente passou a fazer (...)noites temáticas (...)Então nós fazíamos noite japonesa, noite holandesa, noite mexicana, noite espanhola, danças e a comida. (...)E fizemos também, com as temáticas brasileiras, churrasco, Rio Grande do Sul, a dança gaúcha. E teve um fato que foi, que talvez culminou com toda essa beleza, que o Chapéu de Palha passou a ser um centro cultural, não só gastronômico, mas cultural num sentido mais amplo. (...)Foi quando o homem chegou a lua, nós fizemos um concurso quando o homem chegou a lua, de frases dos jornais da imprensa e foi escolhida a seguinte frase: “a Terra é azul”, que foi a expressão do astronauta. (...) Nós construímos uma réplica do foguete e o casal [vencedor] jantou dentro do foguete. (...)E também coincidiu nessa época, o Santos que era um dos maiores furos do momento, que era chamado de academia, por causa do Pelé. Veio a Manaus e o Pelé jantou lá, com todos os jogadores, eles fizeram refeições, no almoço e no jantar. E o Pelé tirou uma fotografia com um chapéu de palha na cabeça (...)” (José Braga)



Figura 1 e 2 – Inauguração. Jornal do Comércio. Manaus, sábado 24 de fevereiro de 1968.

e José Samico de Oliveira. Foram recebidos pelo Sr. Neper Antoni e depois de curta demora continuaram viagem.

"PORTUGAL MINHA TERRA"

O "Chapéu de Palha" vai realizar, nos dias 4, 5 e 6 de outubro, com a presença e o prestígio da colônia portuguesa radicada em Manaus, grandiosa programação em homenagem à data maior de Portugal. Sob o título "Portugal minha terra", o luxuoso restaurante iniciará a série de promoções visando a reunir as várias colônias aqui residentes. Prometem os idealizadores dessa programação que "Portugal minha terra" será com certeza o maior acontecimento social do ano.

REVISTA DE TURISMO

Está sendo distribuída aos órgãos governamentais e de turismo de todo o País, a quarta edição da Revista Brasileira de Turismo, trabalho da Editora Pósto de Serviço Ltda. e organização de algumas entidades, dentre as quais a agência turística liderada pelo Sra. Paulina Kaz, que ora se encontra em nossa cidade. Manaus e seu acelerado desenvolvimento o tema constante dessa

Figura 3 – Portugal minha terra. Jornal do Comércio. Manaus, 1968.

ondo com e e pessu. e sopa de le tomates xicara de um pouco xicara de um ralada, do cortado a de cebos- 2 colher /4 colher a verme- de chá de /4 de xica- er (sopa) cozido à

gine com o aquestar o leira e leve, louçado os rescente os las o ame- imenta ver- cozinho em urante 11/2 ez em quan- shos vá de - na farinha - fica bem

'Noite Árabe' no Chapéu de Palha

Domingo próximo a sociedade local assistirá a uma programação inédita, de sentido artístico e cultural, fruto da iniciativa do restaurante "Chapéu de Palha" e do jornalista Farid Amud, responsável pelo programa Mundo Árabe, com audiência aos domingos e segunda-feira na Rádio Baré.

"Leila Arabin" (Noite Árabe) será a grande atração para a qual está sendo convidada a sociedade amazônica e a colônia árabe, aqui radicada. O programa que visa divulgar os costumes, a beleza natural do oriente, a dança e sua cozinha maravilhosa, tudo isto num conjunto de bom gosto especialmente dedicado aos que fazem da convivência social um hábito, como forma também de aperfeiçoamento humano.

Já a partir de hoje podem os interessados fazer reserva de mesas junto ao Chapéu de Palha (fone 2.2288) ou pelo telefone 2- 37 30 (Rádio Baré), com o jornalista Farid Amud.

A compra de mesa, que é condição indispensável para ingresso naquele luxuoso restaurante domingo à noite, dará direito a todos os pratos típicos que figurarão no cardápio, cuja confecção estará a cargo de senhores e cavalheiros árabes que se dedicam à difícil arte culinária.

COM B
PRODUTO
VEMDEM:

COMPANHIA

Os Acionistas
AMAZÔNIA - 8
em ASSEMBLEIA
Rua Marellio Dias
10 horas, a fim de
a) Tomar co
rio da D
Fiscal, re
Dezembro
b) Eleger os
c) Deliberar
Manaus, 13

Figura 4 – Noite Árabe. Jornal do Comércio. Manaus, terça-feira, 15 de abril de 1969.

É possível afirmar que a obra contribuiu com a permanência de Severiano Porto na cidade, por permitir outras demandas, já que há registros no Jornal do Commercio de importantes figuras locais prestigiarem e frequentarem o local.



Figura 5 - Jornal do Comércio. Manaus, sábado, 2 de março de 1968

No auge do Chapéu de Palha, surge outra ideia empresarial, José Braga e Cláudio Figliolo quiseram explorar a área de hotelaria, pois havia poucos em Manaus:

“Então, nós fomos a procura de uma área ou de um prédio que pudéssemos transformar em um hotel. Estava em construção na época um prédio na Epaminondas com a 10 de julho (...) Ele estava sendo construindo para residências (...) Nós fizemos uma proposta de aluguel para transformar em um hotel, fizemos o Hotel Vitória Régia, mas tivemos que fazer toda uma adaptação, aproveitar o que seria por exemplo copa para banheiro, o que era cozinha para criar um quarto, enfim era toda uma reforma interna que foi altamente custosa, demorada e cara. E com uma cláusula contratual, de que ao entregarmos o prédio nós teríamos que repor o prédio nas condições anteriores. Que foi naturalmente um tiro no pé. (...)poucos meses depois de funcionamento, nós já estávamos com uma clientela muito boa, e o nosso café da manhã era o diferencial, que era um café todo importado, de leite holandês, queijo holandês, porque a gente importava tudo isso da Zona Franca. (...)tínhamos contratos com as companhias aéreas, passamos a hospedar as tripulações. Mas logo alguns meses depois a Zona Franca tem seus incentivos suspensos, por decreto do governo Federal. E com isso todo o movimento comercial de Manaus caiu. (...) E o que foi que nós fizemos, continuamos mantendo o hotel, que tinha um aluguel muito alto, com os recursos do restaurante, mas que também caiu. E nós não tínhamos um lastro financeiro, poupança e tal, que permitisse essas duas coisas. Fomos ao proprietário negociar e o proprietário disse “não, eu não

tenho experiência de hotel”, propusemos até entregar o hotel como estava, desde que nós encerrássemos o contrato, mas aí ele não interessou, ele queria alugar, pois o projeto inicial era residencial (...)e aí foi uma fase de dificuldade que complicou financeiramente nós dois [José Braga e Cláudio Figliolo], pois precisávamos sair como entramos. De uma forma bem séria e neste momento a gente viu que se nós continuássemos utilizando aquela prática, nós íamos sacrificar também o restaurante, que ia perder qualidade e tal. (...)Fizemos a reforma do prédio, a nova reforma para entregar, e nesse momento, por incrível que pareça, retorna os incentivos da Zona Franca, (...)mas aí nós já tínhamos desfeito lá [o hotel]. Nós já estávamos desgostosos com isso e ainda tinha algumas pendências. E aí aparece um ex-padre, que havia casado recentemente, era americano, e que se interessa pelo Chapéu de Palha, ele disse “olha, eu quero comprar”, “se vocês toparem eu compro” e nós vendemos o Chapéu de Palha, esse proprietário ficou poucos anos, depois também vendeu. O fato que nós saímos do negócio, com muita pena naturalmente, mas conseguimos deixar tudo em ordem. E voltamos às nossas atividades, para surpresa nossa, em determinado momento, a gente viu que o Chapéu de Palha tinha fechado já com um segundo ou terceiro dono, e tudo ali posto a baixo. Foi uma perda pra história, pois se alguém tivesse continuado, se tivesse permanecido, hoje a cidade teria um marco, toda essa fase teria sido representada e aquilo ali não tinha como acabar.” (José Braga)



Figura 6 – Hotel Vitória Régia. Jornal do Comércio. Manaus, sábado, 7 de dezembro de 1968.

Hoje no terreno onde se localizava o Chapéu de Palha, se encontra um posto de gasolina e um pequeno centro comercial no seu entorno Norte-Oeste. No local não existe mais nenhum vestígio do referente restaurante, sobrando apenas as lembranças dos antigos frequentadores do local.

Projeto

Localizava-se em um lote de esquina com a Rua Fortaleza e Avenida Humberto Calderaro, na época chamada de Rua Paraíba, no bairro Vieir Alves em Manaus. O terreno de topografia plana, era retangular com 50m de comprimento e 30m de largura, contabilizando uma área total de 1500 m². Os donos da terra possuíam grandes áreas de propriedade e cederam esse trecho da mesma para aluguel. O comprimento do lote se estende na direção Norte-Sul, enquanto a largura fica no Leste-Oeste.

O acesso era feito por ambas as vias, ao entrar pela rua Fortaleza encontravam-se 6 quiosques distribuídos na área sul do terreno, seguindo semelhante desenho do Chapéu de Palha. Os quiosques de 4,5m de diâmetro e com 15,90m² de área coberta, eram usados para dar privacidade aos clientes, por possuírem apenas uma mesa. A entrada pela rua Paraíba dava acesso direto para o restaurante e não passava pelos quiosques. Ao entrar no restaurante, víamos o alto pé direito de 12,20m que segue formato cônico na cobertura. A ambientação interna do edifício era artesanal com mesas de madeira, cadeiras de vime e luminárias com formato de chapéu de palha. Ao norte do restaurante encontrava-se a entrada para o setor dos funcionários, aonde se encontravam o caixa, o setor de distribuição dos pratos, a leste o acesso para o escritório e à oeste acesso à cozinha. À leste, próximo à entrada da rua Paraíba, encontrava-se a loja de lembrança do estabelecimento. À oeste, quase na mesma posição, se encontrava o sanitário feminino. Fazendo a circulação periférica externa do restaurante, no setor norte, haviam três aberturas que percorrendo o sentido oeste-leste as portas davam entrada para as respectivas áreas: sanitário masculino, vestiário e cozinha.

O restaurante com planta circular era formado por dois raios distintos que se conectam. O primeiro raio de 10,20m forma a área social do restaurante e o segundo de 13m, mais ao norte do terreno, configura o espaço dos funcionários. Dentro do menor raio se distribuíram os 16

pilares, inclinados à 55° do chão e fincados a cada 22°30' até completar os 360° da planta circular. Os pilares possuíam 20cm de diâmetro, com base trapezoidal de concreto e o corpo de aquariquara. Esses pilares se conectavam entre si através de vigas de menor diâmetro, formando três andares de vigas cada um com 2,50m, 4,60m e 6,70m de altura. No mesmo plano das vigas, se encontram hastes de madeira encaixada em posição inclinada, revezando sua direção a cada vazio formado entre dois pilares e duas vigas. As ripas foram colocadas logo acima da estrutura citada e distribuídas ao longo da mesma. Toda a estrutura do telhado era em madeira e sua forração era em palha.

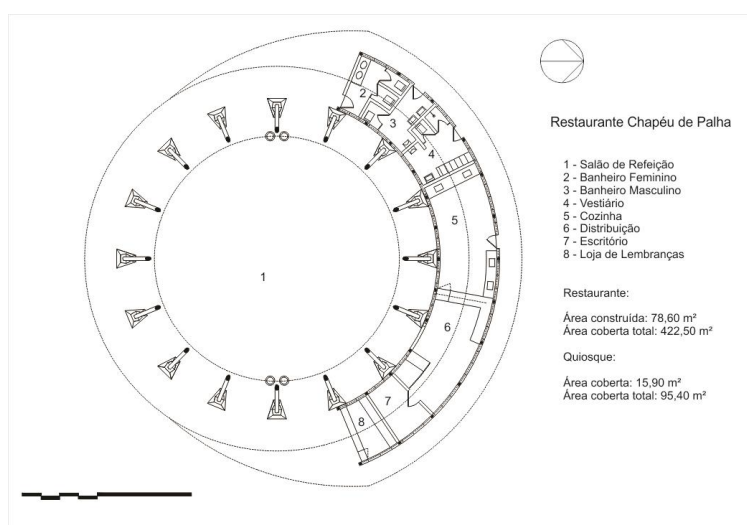


Figura 7 – Setorização

No telhado, aonde os pilares inclinados se conectavam à 12,20 m de altura, havia um tirante metálico que descia do ponto mais alto do telhado até ficar à 7,60m do chão. Nessa extremidade do tirante, ele se abria como um guarda-chuva ao avesso e cada haste conectava-se a um pilar. Seguindo a inclinação de 55° até se encontrar à 2,60m do chão, o telhado começa a subir novamente no sentido oposto seguindo uma inclinação de 18°. Isso se repete em quase todo raio, do diâmetro do setor social, exceto quando se inicia o setor dos funcionários, pois o telhado ganha nova forma com duas quedas d'água, continuando com a mesma inclinação de 18°. A cobertura, então ganha o aspecto cônico com abas de chapéu. Para que a inclinação seja sustentada nas áreas onde o telhado não se formula com duas quedas, foram colocados tirantes metálicos para assegurar que o telhado não caia e não vire em direção a parte cônica da cobertura.

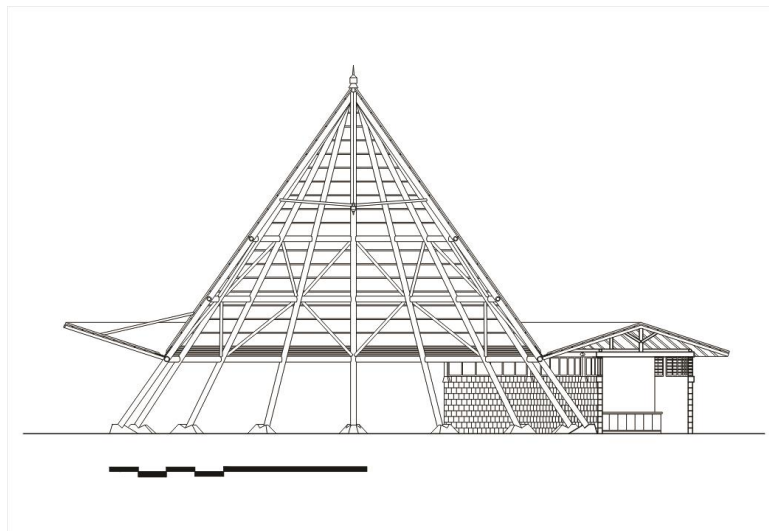


Figura 8 – Corte BB

A área social composta apenas com mesas e pilares, era quase toda aberta, se protegendo das intempéries apenas pelo telhado. Nesse mesmo local, encontravam-se em frente dos pilares do eixo leste e oeste, 2 cilindros de concreto com correntes que subiam até a estrutura do telhado, usados como sistema de condução das águas pluviais. Na área dos funcionários, a semicircunferência formada era delimitada por paredes em alvenaria de tijolos cerâmicos sem revestimentos. Acima de 2m da mesma se encontravam janelas de 50cmx70cm com caixilho em madeira que seguiam o desenho circular. Neste setor se encontravam os banheiros masculino e feminino, o vestiário, a cozinha, a distribuição, escritório e loja de lembranças. No projeto original foram especificados o uso de piso de tijolo recozido. Entretanto, ao ser executado foram usadas peças de concreto com formato hexagonal e moldadas in loco.

A entrevista

José Braga: (...) O Chapéu de Palha, ele tem uma história muito de sonho, porque eu nunca tive nenhuma ligação com o comércio, com os negócios. A minha história toda profissional vem do serviço público, primeiro no ponto de vista acadêmico na administração e depois no Direito. Mas eu fui secretário do Governo Arthur Reis e é exatamente o momento que o Severiano vem a convite dele para Manaus. (...) E aí eu conheci Severiano, eu era secretário do governo, e o Severiano chegava para esse trabalho, já com projetos e falando em elementos naturais, trabalhar com madeira, com cimento aparente, enfim, coisas que pudessem revelar o habitat do homem amazônico e também muito preocupado com a

natureza (...). Pois bem, nesse momento a zona franca é instalada e desenvolvida e Manaus não tinha muitos restaurantes, eram poucas as opções de restaurante. Então, surgiu o sonho, no momento não precisa nem de pesquisa técnica, porque a zona franca atraiu para Manaus um fluxo turístico assim significativo. A busca dos produtos importados, que só eram vendidos aqui, estado ainda não havia nenhuma liberação para os outros estados, depois veio a acontecer. As pessoas vinham aqui comprar os produtos, os produtos da Zona Franca. (...) Quando pensamos nessa possibilidade de um negócio, a ideia foi um restaurante. Então vamos fazer um restaurante?” Conversei com meu pai [Lourenço Braga], que também não tinha experiência comercial, ele foi marítimo a vida toda, mas era um homem muito sonhador e muito visionário. E com um amigo meu, Cláudio Figliolo, que trabalhava comigo na secretaria, na administração. “Vamos fazer um restaurante? Vamos fazer um restaurante!” Não tínhamos sequer capital, nem experiência no ramo. Mas que restaurante, como vamos fazer isso? Surgiu a ideia de fazer alguma coisa regional. Talvez até por essa inspiração já próxima do Severiano. Vamos pegar alguma coisa que seja regional, não vamos construir um restaurante qualquer, vamos fazer alguma coisa que seja a marca da cidade. Pensamos em casa de farinha, numa porção de coisas, mas vamos conversar com o Severiano. Fomos ao escritório dele e quando falamos disso do restaurante e os olhos do Severiano brilharam. E ele imediatamente, disse assim “O Chapéu de Palha”. Eu me lembro bem que disse assim a ele: “Severiano, eu não quero nem saber, está escolhido o nome e agora é com você”. E ele pegou um papel e um lápis, fez o primeiro esboço do Chapéu de Palha. Severiano encantado, disse: “Assim ó”. “Por que?” “Porque agora eu vou arranjar dinheiro para fazer isso e pode desenvolver o projeto”. E fomos ao banco, não tínhamos avalista, não tínhamos tradição no comércio, não tínhamos sequer cadastro naquele banco, no Banco do Acre. O gerente com uma visão muito boa da região e tal. E quando eu mostrei aquilo, ele puxou um cadastro e disse: “preenchem aqui”, eu e o Cláudio. O gerente, “Vocês são sócio?”, “Não estamos sendo agora”, “Então preenchem aqui”, “Sim, mas precisamos de...”, o gerente “Não importa, o avalista está aqui”. Ele botou a mão em cima do desenho que Severiano tinha feito e disse “Isso aqui vai ser um sucesso, não precisa de avalista, vamos ver qual o custo disso, que nós financiamos”. E financiaram, foi assim que nós conseguimos os recursos. E a partir dali o sonho foi tomando forma, o Severiano começou a desenvolver o projeto e ele mesmo admitiu e acompanhou toda a construção (...) E as coisas foram crescendo, a forma foi absolutamente inovadora. A madeira que foi utilizada, foi a aquariquara, que era naquela época com que se fazia os postes da iluminação pública. Mas ele já dimensionava que essas aquariquaras tinham que ter, muito proximamente todos os postes teriam que ter a mesma espessura ou

aproximadamente a mesma espessura e a mesma forma e 8m de comprimento. Lá se foi pesquisar 8m de comprimento de aquariquara, como conseguir isso né? A coisa era linda, porque criou umas sapatas, fez-se umas sapata de cimento, com um pino central que entrava na madeira aquariquara, que ele fazia questão absoluta que fosse apenas encerada depois e não pintada. Era apenas uma cera para higienizar e etc. Estas hastes posicionadas na base se inclinavam e se encontravam lá no apse. E de lá ele desceu uma haste de ferro, que se abriam em outros pontos como se fosse um guarda-chuva, como se abrisse um guarda-chuva, que você teria aquela haste central e aquelas ramificações saindo ramificações apoiando apenas esses postes inclinados. A cobertura toda com a palha mais resistente, mais apropriada, que era a ..., não recordo agora, mas vou me lembrar. Esse chapéu que vinha como se fosse chapéu, ele abria umas abas, por dentro dessa aba corria toda uma calha, que não era visível, não estava a mostra. Ela vinha em determinados, em cada pontos desse onde estavam as sapatas, tinha uma descida da água, com um pequeno tubo de ferro e dentro dele uma corrente que fazia com que a água não se espalhasse, a água descia por aquela corrente para um sistema de esgoto que estava ali. Absolutamente linda. Os lustres ele fez de palhinha, com um arco de ferro todo em palha. (...) As pessoas daqui tinham sobre a região, as pessoas que faziam cadeira, as cadeiras foram feitas também de palhinha, no modelo que ele idealizou, na altura certa, as mesas eras mesas de madeira local, também construídas especificamente para isso (...) A beleza com simplicidade. A cozinha era também muito espaçosa e clara, com toda um iluminação de fora, natural, embora tivesse, naturalmente, funcionava à noite. Ele era todo aberto o restaurante, só essa parte dos serviços é que estavam fechadas, com uma lojinha que funcionava, voltada para a rua Paraíba. Porque era confluência da Paraíba com a Fortaleza. Aonde hoje tem um posto de gasolina e um pequeno shopping. Bom, o piso foram lajotas de cimento, também por ele projetadas e construídas ali por esse mestre de obras, que comandou toda essa leitura e elaboração da obra. Só no centro do salão, tinha uma parte com cerâmica. E ali a gente passou a fazer, aproveitando essa estrutura, a gente passou a fazer noites temáticas, não é, noites temáticas, coisas muito interessantes, não se tinha isso antes aqui em Manaus. Então nós fazíamos noite japonesa, noite holandesa, noite mexicana, noite espanhola, danças e a comida. E a comida também. E fizemos também, com as temáticas brasileiras, churrasco, Rio Grande do Sul, a dança gaúcha. E teve um fato que foi, que talvez culminou com toda essa beleza, que o Chapéu de Palha passou a ser um centro cultural, não só gastronômico, mas cultural num sentido mais amplo. (...) Foi quando o homem chegou a lua, nós fizemos um concurso quando o homem chegou a lua, de frases dos jornais da imprensa e foi escolhida a seguinte frase: “a Terra é

azul”, que foi a expressão do astronauta. O jornal que produziu essa frase foi premiado e o casal que escolheu, porque essa escolha foi feita num júri de frequentadores do restaurante. Não fomos nós que escolhemos, a gente fez o concurso e as pessoas escolheram. Nós construímos uma réplica do foguete e o casal jantou dentro do foguete. O Chapéu de Palha mobilizou de uma certa forma, durante algum tempo, movimentou essa cultura, sociedade. E também coincidiu nessa época, o Santos que era um dos maiores furos do momento, que era chamado de academia, por causa do Pelé. Veio a Manaus e o Pelé jantou lá, com todos os jogadores, eles fizeram refeições, no almoço e no jantar. E o Pelé tirou uma fotografia com um chapéu de palha na cabeça, sem nenhum custo de publicidade, sem nada, de tal era a beleza. Aquilo despertava o olhar das pessoas. Esse Chapéu de Palha ocupava, talvez a metade do terreno e fora dele, ele construiu outros pequenos, uns quatro se não me falha a memória. Com uma outra estrutura, mais simples, mas que as pessoas às vezes queria ficar mais reservado, queriam conversar, então sentavam-se ali. Toda essa área pavimentada, mas sempre com as árvores presentes, eu me lembro bem que permaneceu durante todo o tempo no terreno um pé de azeitonas. Mangueira também. Era uma coisa que ele conseguiu colocar dentro da natureza todo aquele espaço natural em um coisa que também tinha tudo a ver com a natureza. Na escolha dos materiais. As toalhas foram feitas. O primeiro forro da mesa que eles colocavam era feito em juta, todo em juta e depois que se colocava em cima uma coisa mais delicada. As mesas era forradas com juta. E também teve outra inovação, foi a primeira vez que moças, mulheres, foram garçonetes em um restaurante. Nós preparamos, selecionamos moças que nunca tinham sido garçonetes, demos cursos de higiene pessoal, de gastronomia, aprenderam a servir, aprenderam a informar sobre vinhos, marcas de vinho e elas eram preparadas antes de entrar no seu turno. O Neto que era um garçom antigo em Manaus, tinha muita experiência e conhecimento, ele foi o responsável por esse trabalho. Mas todos os dias ele tinha o cuidado de pedir para as meninas que visse se estavam com as unhas bem feitas e pedir que desse um retoque no penteado. Enfim, foi algo assim que quase um escola eu diria. Por trás de tudo isso estava aquela alma do Severiano, a inspiração única talvez, difícil ser repetida alguma coisa daquela. E nós vivemos aquele momento, eu, meu pai e o Cláudio, e as nossas famílias naturalmente, todas muito próximas de tudo isso. Ganhamos assim uma fase muito boa, a sociedade toda reconhecia isso, diziam frequentemente da qualidade do restaurante, também fizemos uma cozinha predominantemente regional, especialidade era o peixe, mas era de tal forma a especialidade do peixe, que o cozinheiro que nós contratamos era chamado de Manuel Peixeiro. Porque era a especialidade dele, era um homem semianalfabeto, mas que na cozinha era um catedrático. Ninguém fazia uma

peixada como ele. Aliás não é Peixeiro é Peixada, Manuel Peixada, porque a especialidade dele era o peixe. E com isso nós fazíamos os banquetes, as recepções, as noites temáticas e o restaurante funcionou durante muitos anos. Só que eu tinha um vínculo funcional, meu sócio também tinha um vínculo funcional, então a gente se dividia nisso, depois eu ingressei na magistratura, quando fui na magistratura, ficou difícil conciliar essas coisas, então nós vendemos. Faço um intervalo aqui para dizer uma coisa. No auge do Chapéu de Palha surgiu uma outra ideia nossa empresarial, que era explorar um hotel, que também haviam poucos em Manaus. Os que existia, não atendia mais a demanda. Então, nós fomos a procura de uma área ou de um prédio que pudessemos transformar em um hotel. Estava em construção na época um prédio na Epaminondas com a 10 de julho, ainda está hoje lá, um prédio residencial. Ele estava sendo construindo para residências, ali existia um barzinho e a partir daquela estrutura construir um prédio. Mas era um prédio destinada à residências. Nós fizemos uma proposta de aluguel para transformar em um hotel, fizemos o Hotel Vitória Régia, mas tivemos que fazer toda uma adaptação, aproveitar o que seria por exemplo copa para banheiro, o que era cozinha para criar um quarto, enfim era toda uma reforma interna que foi altamente custosa, demorada e cara. E com um cláusula contratual, de que ao entregarmos o prédio nós teríamos que repor o prédio nas condições anteriores. Que foi naturalmente um tiro no pé. (...) Então, nosso hotel era o único a servir, as pessoas e as empresas de turismo já passara a, tínhamos contratos com as companhias aéreas, passamos a hospedar as tripulações. Mas logo alguns meses depois a Zona Franca tem seus incentivos suspensos, por decreto do governo Federal. E com isso todo o movimento comercial de Manaus caiu. Isso deve ter sido por 69, mais ou menos, por aí, ainda foi na década de 60. E o que foi que nós fizemos, continuamos mantendo o hotel, que tinha um aluguel muito alto, com os recursos do restaurante, mas que também caiu. E nós não tínhamos um lastro financeiro, poupança e tal, que permitisse essas duas coisas. Fomos ao proprietário negociar e o proprietário disse “não, eu não tenho experiência de hotel”, propusemos até entregar o hotel como estava, desde que nós encerrássemos o contrato, mas aí ele não interessou, ele queria alugar, pois o projeto inicial era residencial então “eu quero que você reponha”. Nós não tínhamos nem onde colocar 200 guardas roupas, camas. Começamos a dar, doar paras as instituições, e aí foi uma fase de dificuldade que complicou financeiramente nós dois, pois precisávamos sair como entramos. De uma forma bem séria e neste momento a gente viu que se nós continuássemos utilizando aquela prática, nós íamos sacrificar também o restaurante, que ia perder qualidade e tal. Nós não tínhamos como manter. Fizemos a reforma do prédio, a nova reforma para entregar, e nesse momento, por incrível que pareça, retorna os incentivos da Zona Franca,

foram restabelecidos, em pouco tempo, eu não sei, não tenho em memória, mas foram um prazo relativamente curto, mas aí nós já tínhamos desfeito lá. Nós já estávamos desgostosos com isso e ainda tinha algumas pendências. E aí aparece um ex-padre, que havia casado recentemente, era americano, e que se interessa pelo Chapéu de Palha, ele disse “olha, eu quero comprar”, “se vocês toparem eu compro” e nós vendemos o Chapéu de Palha, esse proprietário ficou poucos anos, depois também vendeu. O fato que nós saímos do negócio, com muita pena naturalmente, mas conseguimos deixar tudo em ordem. E voltamos às nossas atividades, para surpresa nossa, em determinado momento, a gente viu que o Chapéu de Palha tinha fechado já com um segundo ou terceiro dono, e tudo ali posto a baixo. Foi uma perda pra história, pois se alguém tivesse continuado, se tivesse permanecido, hoje a cidade teria um marco, toda essa fase teria sido representada e aquilo ali não tinha como acabar. (...) não só o Santos, mas também outras equipes vieram também em Manaus, faziam refeições lá, foi uma fase assim, eu diria para nós de uma aprendizagem muito grande e de uma satisfação pessoal muito grande, sentindo naquele momento integrados a uma outra atividade, estava bem distante daquilo que até tinha sido nossa vocação, mas voltamos às nossas atividades. Era impossível voltar e ficar sozinho a frente, preferimos então vender e torcíamos para que aquilo continuasse, mas infelizmente não continuou. Hoje o que se tem lá é um posto de gasolina, com uma tentativa de algumas coisas comerciais. (...) Essa história é em resumo o que foi o Chapéu de Palha, nasceu de um sonho e de uma inspiração feliz do Severiano, que é talvez, sem aquela inspiração, a gente nem tivesse prosseguido, mas era tão bonito, tão especial, que nós enfrentamos todas as dificuldades iniciais, pelo menos os receios iniciais, porque na verdade não tivemos dificuldades, tudo foi facilitado a partir dali, principalmente pelo conceito que tínhamos e pela beleza do projeto que estava sendo apresentado, o próprio banco disse “nem precisa de pesquisa de mercado, isso aqui não tem como” isso aí repercutiu no Brasil inteiro, fizemos uma propaganda também nacional e fizemos isso. E depois, a distância do Severiano, quando sai de Manaus, mas deixou aqui, além disso, outras margens significativas, a sede do Basa, a caixa d’água que lembram a vitória régia, e muitas outras construções, a própria universidade, o campus, que é projeto dele, a Ponta Negra inicial, o que me entristeceu muito, quando ele foi chamado aqui para a reforma, ele viu que estavam lá os prédios, os arranha-céus, ele ficou muito triste por isso, e se não me falha a memória ele nem aceitou fazer a reforma, parece que era o Serafim, e ele disse que aquele não era projeto residencial (...).

Marcos Cereto: (...)Em 1965 tem o plano diretor que o Artur Reis contratou o escritório do Luís Antony Pereira Cunha, também eram desse grupo de arquitetos que vem do Rio para ajudar

nesse momento de infraestrutura do estado, e no plano diretor ele, ao contrário do nosso primeiro plano diretor da cidade do Eduardo Ribeiro, um plano diretor em que além do traçado urbano ele estabelece também edifícios públicos que deveriam ser construídos e que foram sendo implantados, esse segundo plano diretor, tem mais ou menos uma lógica dos planos atuais, que é um plano muito mais de setorização, mais para estabelecer o zoneamento urbano, como a cidade ia crescer. Mas ele estabelece uma série de projetos, sei que tinha um projeto do polo turístico e dentro dessa questão do polo turístico, ele fala de um restaurante regional, da ideia de um restaurante regional, pensando nesse momento na Zona Franca, nesse novo polo turístico que aconteceria, a localização do terreno tem a ver com esse discurso? E também essa questão de um restaurante regional, ele estava alinhado com essa proposta ou isso não procede? Porque isso é uma hipótese que eu construí lendo esses textos e com sua própria fala, isso estava alinhado ou não?

José Braga: Isso não estava alinhado, mas coincidiu, porque isso facilitou a autorização, o terreno nós não compramos, mas sim alugamos, fizemos um arrendamento por dez anos na época. O terreno era de um vizinho, aonde hoje está um prédio, uma família antiga que tinha esse terreno, a localização se deu primeiro, porque esse terreno estava numa localização ao nosso ver muito boa, o bairro não era de elite, mas de classe média alta, ali estavam algumas das famílias mais tradicionais, então era um terreno plano, isso facilitava. O proprietário se interessou, quando nós o procuramos, ele disse “olha, vender eu não vendo, isso aqui é um problema de família, inventário e etc, mas a gente pode arrendar”. E fizemos um arrendamento. Quando levamos o projeto para a prefeitura, coincidiu exatamente com essa ideia do plano, objetivo do plano, de ter um restaurante assim, então isso talvez, eu diria que, facilitou a autorização e etc. Porque eu não tive dificuldades ali incríveis, por exemplo a própria questão da água fluvial, por onde escoar, foi um dificuldade muito grande, pois o bairro não tinha uma infraestrutura. A gente teve até que trabalha isso também, fizemos um investimento por de baixo da terra, para ligar com os esgotos que ficavam lá na frente. Mas isso facilitou, certamente facilitou, digamos assim foi coincidência de estarmos ao mesmo tempo, eu confesso que nós nem tínhamos, eu particularmente, não tinha ciência desse interesse.

Marcos Cereto: E o Severiano participou da escolha do terreno ou vocês já tinham o terreno?

José Braga: Não, ele participou da escolha do terreno. Foi a primeira coisa que ele perguntou, “vocês já tem ou já sabem?” Saiu ai procurando e saímos, percorrendo os bairros, os bairros nascentes, os emergentes, eram desprovidos de serviços básicos, ficavam mais afastados,

não era interessante. Mas na vila Municipal, era um centro residencial, de maior status e ele gostou. Quando ele viu disse que dá perfeitamente. Então ele já construiu pensando naquele ambiente, isso também já orientou a distribuição de espaço e tudo. Ele gostou muito porque tinham muitas árvores e as mantivemos. Não se derrubou uma árvore,(...) só foi feita a limpeza do terreno (...).

Referências Bibliográficas

ABRAGIM, Roger. *Poesia na Floresta: A obra de Severiano Porto no Amazonas*. Manaus: Reggo Edições, 2014.

BRAGA, José. José Braga: depoimento [7 out. 2016]. Entrevistadores: Marco Cereto e Vasilka Espinosa. Manaus, 2016. 1 arquivo .mov (50 min. 42s.) e 1 arquivo .mp4 (17 min. 43s.). Parte da entrevista encontra-se transcrita no capítulo A entrevista deste artigo.

CONVIVÊNCIA SOCIAL. **Jornal do Comércio**. Manaus, 02 mar. 1968. Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=170054_01&pasta=ano%20196&pesq=Chapéu%20de%20Palha>. Acesso: 20 dez. 2016.

CONVIVÊNCIA SOCIAL. **Jornal do Comércio**. Manaus, 24 fev. 1968. Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader.aspx?bib=170054_01&PagFis=83322&Pesq=Chapéu%20de%20Palha>. Acesso em: 20 dez. 2016

HOTEL VITÓRIA RÉGIA SERÁ INAUGURADO HOJE. **Jornal do Comércio**. Manaus, 07 dez. 1968. Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader.aspx?bib=170054_01&pasta=ano%20196&pesq=Chapéu%20de%20Palha>. Acesso: 20 dez. 2016.

'NOITE ÁRABE' NO CHAPÉU DE PALHA. **Jornal do Comércio**. Manaus, 15 abr. 1969. Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=170054_01&pasta=ano%20196&pesq=Chapéu%20de%20Palha>. Acesso: 20 dez. 2016.

PORTUGAL MINHA TERRA. **Jornal do Comércio**. Manaus, 1968. Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=170054_01&pasta=ano%20196&pesq=Chapéu%20de%20Palha>. Acesso: 20 dez. 2016.